

ÍNDIOS Líder dos caiapós suspeita que seu filho Umoro foi assassinado pelos camaiurás; para tribo, morte foi acidental

Raoni ameaça provocar guerra no Xingu

Alton de Freitas - 6.mar.93/Folha Imagem

EMANUEL NERI
 da Reportagem Local

A morte de Umoro, 30, o filho mais velho do cacique Raoni, gerou uma crise sem precedentes entre os índios que vivem na região do Xingu, no Mato Grosso.

Os caiapós metuktire, tribo de Raoni, poderão declarar guerra a outros índios do Xingu.

Umoro, que tinha epilepsia, era acusado de ter morto dois índios em sua aldeia, há quase dois anos. Por isso, Raoni mandou que ele morasse no Parque do Xingu, a quase 500 km da reserva Capoto Jarina, dos caiapós.

No último dia 16 de janeiro, Umoro foi encontrado morto em um rio próximo à Base Jacaré, no Parque do Xingu. Há duas versões sobre sua morte. Raoni, segundo seu sobrinho, Megaron, suspeita de feitiçaria e homicídio.

A outra versão é do pajé Tacumã, da tribo camaiurá, onde Umoro morava. Segundo Kotok, filho de Tacumã, Umoro saiu sozinho para pescar, teve um ataque epilético e morreu afogado. "Raoni sabe que Umoro tinha problemas de saúde", disse Kotok.

Raoni

Raoni é o índio brasileiro mais conhecido dentro e fora do país. Amigo do roqueiro inglês Sting, visitou vários países fazendo palestras sobre os caiapós. A morte do filho o deixou arrasado.

Com a cabeça raspada, em sinal de luto, não quis dar entrevistas. Desde a morte, Raoni transmitiu interinamente a função de cacique para um sobrinho, Wai-Wai. Segundo Megaron, Raoni tem motivos para suspeitar de assassinato.

O primeiro: os camaiurás não o avisaram da morte. Ao ficar sabendo, três dias depois, foi em busca do filho e achou o corpo boiando num rio. "Por que os camaiurás não tentaram encontrar o corpo de Umoro?", diz Megaron.

Para Megaron, há uma outra suspeita. Segundo ele, havia um golpe profundo no rosto de Umoro: "Parecia com flechada ou bala". Megaron administra um posto da Fundação Nacional do Índio em Colider (MT).

Na época da morte, Megaron foi chamado para apaziguar os ânimos dos caiapós, que estavam em pé de guerra. No mês de maio, quando sair do luto, Raoni vai fazer uma pajelança no local onde o corpo do filho foi encontrado, para descobrir a causa da morte.

"Os pajés vão fumar. Se descobrirem que foi morte provocada, vai haver vingança", diz Megaron. "Índio faz justiça com as próprias mãos." Os caiapós, com quase 600 índios, são considerados os maiores guerreiros da região do Xingu.

Camaiurás

Diversamente dos caiapós, os camaiurás são pacíficos. Adoram dançar e praticar esportes. O huk-huka, uma luta corporal, é sua diversão preferida. Eles somam 300 índios, metade dos caiapós.

Para os camaiurás, não há motivos para suspeita de homicídio. "Nós todos gostávamos muito dele", diz Kotok. Seu primo, Amanua Seus, que preside a Associação Indígena Mavutsinin, desafia Raoni: "Se há alguma suspeita, nós poderíamos pedir a necropsia".

Sertanistas e antropólogos ouvidos pela **Folha** não acreditam na versão de homicídio. Para eles, a morte deve ter sido por afogamento, após um ataque de epilepsia.



O líder dos caiapós Raoni, pai do índio Umoro, encontrado morto em um rio no último dia 16 de janeiro no Parque Nacional do Xingu

Editoria de Arte/Folha Imagem

Como foi a morte de Umoro

Segundo o cacique Raoni, da tribo caiapó



- Umoro, filho de Raoni, saiu para pescar no Xingu. Há suspeitas de feitiçaria. Há marcas no rosto do índio. Ele pode ter morrido com flechada ou tiro.
- O cacique Tacumã era responsável pela guarda de Umoro, mas não avisou Raoni sobre a morte. Raoni só ficou sabendo da morte quatro dias depois.
- Raoni se desloca em avião da Funai até o Xingu. Encontra o corpo do filho boiando nas águas de um rio. Leva o corpo para sua aldeia, para ser enterrado.
- De luto, Raoni raspa a cabeça, tradição dos caiapós. Promete fazer pajelança no Xingu para saber o motivo de sua morte. Se foi assassinato, haverá guerra.

Segundo o cacique Tacumã, da tribo camaiurá



- Umoro saiu para pescar sozinho, de barco. Epilético, sofreu um ataque no meio do rio e morreu afogado. O corpo não foi encontrado.
- Umoro tinha ido para o Xingu porque havia se envolvido na morte de dois outros índios. Segundo a versão, ficava violento após os ataques epiléticos.
- Não há motivos para suspeita de assassinato. Tacumã é amigo de Raoni e gostava muito de Umoro. Seus filhos também eram amigos do índio morto.
- Tacumã diz que não avisou Raoni da morte porque o corpo não havia ainda sido encontrado. Agora, teme a reação dos caiapós, que são guerreiros temidos.

Fonte: Yanacoua Rodarte, administrador do Xingu e Kotok, filho de Tacumã.

Umoro tinha ao morrer

30

anos; ele era o filho mais velho de Raoni

Os caiapós possuem

600

guerreiros, que são temidos por outras tribos

O bodoque de Raoni tem

8 cm

de diâmetro; há índios que chegam a usar um de 14 cm

A aldeia caiapó está

500

quilômetros de distância do Parque do Xingu

Epilepsia atinge índios

da Reportagem Local

Para o médico Roberto Geraldo Baruzzi, da Escola Paulista de Medicina, doenças neurológicas, como epilepsia, são comuns entre os índios. Só no Parque Nacional do Xingu existem cinco casos para uma população de 4.000 índios.

Segundo Baruzzi, a média de casos de epilepsia entre os índios é semelhante à existente na população não-indígena. Baruzzi acompanha há 30 anos a saúde dos índios do Xingu. Umoro, filho de Raoni, era um dos seus pacientes.

O tratamento de um índio com epilepsia é feito à base de Gardenal, o mesmo medicamento utilizado por doentes comuns. Toma-se um comprimido por dia, para evitar crises.

O sertanista Orlando Villas Boas diz ter presenciado problemas de saúde bem mais graves entre indígenas do Xingu. Um índio da tribo trumai teve um surto esquizofrênico e passou 14 dias embrenhado na mata.

"Quando voltou, os parentes mataram ele. Acharam que ele estava endemoninhado", diz Villas Boas. Para ele, as doenças mais comuns são respiratórias.

Há casos de pneumonia e tuberculose. Outra doença muito comum é a malária. O curioso, segundo Baruzzi, é que não há registro de um único caso de diabetes entre os índios do Xingu. (EN)

Mãe se flagela após a notícia

da Reportagem Local

Pouca gente sofre tanto com a morte como os caiapós. A dor é ainda maior no caso de Umoro. Além de ser o primogênito da família Raoni, ele tinha herdado o nome de seu avô paterno, um dos mais importantes líderes caiapós.

Segundo a antropóloga inglesa Vanessa Lea, que há 19 anos vive no Brasil pesquisando a cultura caiapó, o sofrimento pela morte é dramático entre as mulheres. A mãe do morto costuma se autoflagelar. Algumas morrem.

Berkwiká, mulher de Raoni, não fugiu à regra. Ao saber da morte de Umoro, ela seguiu o ritual de outras mulheres caiapós: atirou-se no chão e bateu seguidas vezes na cabeça com um facão. Cortou a cabeça em várias partes e sangrou.

O ritual seguido pela mãe caiapó só pára com a intervenção de outras mulheres. Algumas delas, segundo Vanessa, chegam a morrer durante a autoflagelação.

Corte do cabelo

No caso dos homens, a dor tem intensidade física menor. O principal sinal do luto é o corte total do cabelo.

O luto do homem caiapó só termina quando o cabelo cresce até a altura dos ombros —pode demorar mais de seis meses. Durante o luto, segundo Vanessa, o caiapó só pode falar baixo.

Quando está de luto, um homem caiapó não pode pintar o corpo, participar de atividades festivas e solenidades tribais. Não pode nem mesmo frequentar a "casa dos homens", local no centro da aldeia para cerimônias masculinas.

Se for cacique, como é o caso de Raoni, ele tem que passar a função para outro índio. Só volta à função quando o luto acabar. Raoni está cumprindo todo esse ritual.

A **Folha** tentou falar com ele e não conseguiu por causa de seu luto. Como Umoro morreu no início de janeiro, o luto deve ir até o final de maio ou início de junho.

É nessa época que Raoni pretende fazer a pajelança no local da morte. Os pajés dirão se a morte foi ou não natural. Se foi homicídio, os caiapós podem declarar guerra aos camaiurás e outros índios.

Tradição guerreira é marca registrada dos caiapós

da Reportagem Local

A principal característica dos caiapós é a tradição guerreira. Valentes, são temidos por outros índios do Xingu. Para garimpeiros e seringueiros, caiapó tem um significado: gente ruim da mata.

Segundo o sertanista Orlando Villas-Boas, 82, responsável pelo primeiro contato com os caiapós, em 1954, o apelido se deve à bravura desses índios. O próprio Orlando foi vítima dessa valentia.

Em um dos primeiros contatos com os caiapós, Orlando foi preso, arrastado pela mata e quebrou a rótula da perna direita.

Ao serem descobertos, segundo Orlando, os caiapós queriam a percorrer mais de mil quilômetros para atacar outras tribos.

Os caiapós têm outra marca —o

enorme bodoque que fazem com a parte inferior do lábio. O bodoque de Raoni tem 8 cm de diâmetro.

Orlando diz ter conhecido um caiapó que tinha um bodoque de 14 cm. "Era impressionante. Cobria todo o rosto", diz.

Liderança

Após serem descobertos, os caiapós foram viver no parque do Xingu. Considerados hábeis políticos, se tornaram líderes rapidamente. Megaron, sobrinho de Raoni, foi o primeiro a administrar o parque.

Nômades, preferiram voltar, em 85, para o local de sua origem, a cerca de 500 km do parque.

O grande líder dos caiapós é mesmo Raoni. Em 1984, ele foi a Brasília, depois que seus guerreiros bloquearam a rodovia BR-080, que corta suas terras.

Armado e pintado para a guerra, convenceu o então ministro do Interior, Mário Andreazza, a demarcar suas terras. Antes de selar o acordo, puxou a orelha do ministro. "Aceite ser seu amigo. Mas você tem de ouvir o índio", disse.

Quando os caiapós foram descobertos, em 54, Raoni era adolescente. Na época, seu pai, Umoro (mesmo nome do filho morto de Raoni) era o cacique caiapó.

Raoni não sabe sua idade. A antropóloga inglesa Vanessa Lea, que morou na aldeia de Raoni, estima que ele tem cerca de 60 anos.

Sucessão

A morte de Umoro serviu para levantar a discussão sobre a sucessão caiapó. Até então, Raoni tinha três filhos homens e três mulheres. Umoro poderia suceder o pai, mas

a epilepsia o afastou do processo. Ser forte e ter saúde são importantes requisitos de um cacique.

Os outros filhos, ambos casados, são Atoronget, 25, e Tedje, 20. As mulheres chamam-se Kubetank, 29, Kokoto, 20, e Kokonã, 17.

Antropólogos que estudam os caiapós não sabem se um dos filhos de Raoni será o sucessor. Há sinais de que isso não ocorrerá.

Para ser cacique, é preciso ser excelente guerreiro. Habilidade política também é fundamental. Raoni tem tudo isso. Foi um dos primeiros caiapós a aprender português. Isso foi fundamental para que se tornasse principal interlocutor entre seu povo e os brancos.

Segundo Vanessa, há outras lideranças, além de Raoni, cujas opiniões pesam. Eles formam uma espécie de conselho de sábios.

Onde fica



Editoria de Arte/Folha Imagem